

RESENHA DO LIVRO “A MISSÃO CRISTÃ NO MUNDO MODERNO” DE JOHN STOTT

STOTT, John. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. Belo Horizonte: Ultimato, 2010.

Por *Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão*¹

John Stott, teólogo, escritor e evangelista, trabalha no livro *A Missão Cristã no Mundo Moderno* a definição de cinco palavras, as quais intitulam os capítulos do livro: Missão; Evangelismo; Diálogo; Salvação e Conversão. O significado das expressões trabalhadas parte de uma exegese fiel, porém levando em conta a metamorfose e transitoriedade da linguística.

Acerca da Missão, no capítulo um, o autor discorre numa síntese bíblica sobre alguns personagens como Abraão, o qual o mundo seria abençoado por seu intermédio; José, o qual administrou de forma magistral questões sociais no Egito; Moisés como libertador de um povo oprimido; profetas que vieram com mensagens de advertências e promessas; missão essa que culmina na pessoa de Cristo, o qual enviou o Espírito Santo para o seu povo, que por sua vez também é incumbido da missão. A ênfase à Missão implica em evangelismo e ação social, essa é a grande comissão. Jesus fez de sua missão, um modelo para a nossa, ainda que não a missão expiatória, mas a de servir. Evangelismo, ou seja, a pregação do Evangelho que salva numa perspectiva transcendente e ação social são expressões autênticas do amor que serve. O grande mandamento inclui palavras e obras, preocupação com o corpo e a alma.

A mensagem do Evangelho é evidenciada pela sensibilidade às necessidades de carências, dores e mazelas que permeiam a sociedade. O autor define Evangelismo, assunto que constitui o capítulo dois, partindo de um princípio prático, porém não definido por resultados nem por métodos, mas pelo anúncio das Boas Novas, o qual o cerne é Cristo, o coração e alma do Evangelho autenticado pela mensagem do Antigo Testamento. Evangelismo é, portanto, o compartilhamento da redenção espiritual e responsabilidade ética com a sociedade.

No capítulo três o teólogo Stott trabalha sobre o Diálogo, rompendo o estigma de que diálogo com outras religiões é ecumenismo. O autor traz exemplos, o próprio Jesus que dialoga com uma mulher samaritana, o apóstolo Pedro com Cornélio, o

¹ Bacharela em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN). E-mail: nediabizarria@gmail.com

apóstolo Paulo com atenienses e apresenta que dialogar com não cristãos não se trata de sincretismo, mas a apresentação de verdades divinas que são argumentos de uma teologia persuasiva. Através do diálogo barreiras são demolidas, o mensageiro fala e ouve, se faz conhecido e passa a conhecer o ouvinte nas suas dores, necessidades, virtudes e convicções; o diálogo difere de uma mera homilia onde o contato é superficial e há uma larga distância entre mensageiro e ouvinte. Através do diálogo, defende o autor, arraiga-se a certeza que ambos são necessitados da graça divina; liberta o cristão dos preconceitos; desprende o mensageiro dos estereótipos, das fórmulas fixas, das praxes frias. O diálogo, afirma John Stott, é um sinal genuíno do amor cristão.

A centralidade da Salvação ocupa o capítulo quatro do livro, apresentando a Bíblia como um manual contemporâneo de salvação. Porém, a ênfase da salvação tem teor moral e espiritual, não material; consiste em eternidade e não no aqui e agora; alude para a libertação do julgamento para a filiação; da libertação do egocentrismo para o serviço ao próximo. A salvação é direcionada a pessoas, não a estruturas; é uma libertação do pecado, não da opressão sociopolítica, é coerência no que se fala e pratica. Um estilo de vida transformado autentica a salvação.

Conversão como exigência das Boas Novas é o teor do capítulo cinco como resposta ao evangelismo. O evangelismo deve alcançar aceitação em vez de repugnância, por isso é importante observar a forma de estratégia para a abordagem, sendo que a conversão é o objetivo. Partindo do princípio que conversão e regeneração não dá para dissociar, todo convertido é regenerado e todo regenerado é convertido, porém, há diferenças entre esses apesar da interligação. Regeneração é o ato de Deus, enquanto conversão é uma reação humana; regeneração é inconsciente, enquanto a conversão é um ato consciente; a regeneração é um ato instantâneo e completo de Deus, enquanto a conversão é um processo; a regeneração não é crescente, enquanto a conversão se trata de uma vida inteira de crescimento e maturidade em Cristo. Mas, conversão também, resulta de arrependimento e fé, exigências gêmeas da mensagem do Evangelho, assim como fazer parte de uma nova comunidade que professa a mesma fé também é uma exigência do Evangelho, não no sentido de se isolar do mundo, antes ser sal e luz no mundo. Pois a conversão promove no indivíduo uma transformação de novos padrões, de novos conceitos, novos valores, novas convicções que devem ser anunciados à sociedade decaída em seus princípios e preceitos. Conversão não implica uma renúncia instantânea de toda herança cultural, isso se a cultura não infringe os padrões cristãos, pois, até seria ato de ignorância ou legalismo, sendo que a cultura tem

o seu valor e faz parte da formação da sociedade como também do indivíduo em partícula

A literatura abordada é interessante para cristãos de uma forma geral, líderes e liderados em igrejas, discípulos e discipuladores prosélitos, estudantes da área cristã e mestres, pois faz uma explanação da missão cristã numa perspectiva do evangelismo, diálogo, salvação e conversão.

O autor não pauta sua abordagem numa interpretação particular ou qualquer outra que dê descontinuidade a perspectiva bíblica, antes busca de maneira acurada elucidar cada ponto exposto. Desprendendo-se dos bojos tradicionais equivocados, do engessamento hermenêutico desprovido de uma exegese, o escritor John Stott escancara de forma leve, porém responsável, as implicações da missão, do evangelismo, do diálogo, da salvação e conversão. O autor entrelaça em todo o livro tais questões com a ação social. Traz à tona a urgente necessidade da igreja e sua missão no mundo moderno, incomoda a igreja a sair das quatro paredes, a sair da redoma e ser atuante numa sociedade decaída.

O livro mostra Cristo como exemplo supremo de agir, de servir, de atuar com um modo de vida expressivo, contundente e ao mesmo tempo suave. Convoca o leitor cristão a viver o Evangelho desprovido de aparatos retóricos e meramente teóricos, mas o Evangelho de ação, de amor demonstrado na prática. Ser sal e luz num mundo insípido e em trevas, essa é a proposta cristã ratificada pelo autor. Uma missão a qual a comissão é levar as boas novas de salvação agregada ao agir em favor dos necessitados. Um Evangelismo que consiste numa mensagem estampada na ação do evangelista, que tem como sinete uma vida convergente ao que se ensina e prega. Um Evangelismo erradicado do pragmatismo pós-moderno e de métodos espúrios, mas com uma mensagem genuína de redenção espiritual e ação nesta vida. Ainda apresenta a importância de um diálogo transparente, desmitificando a ideia de ecumenismo em conversas com pessoas que professam uma fé divergente. Elucida a importância do diálogo como instrumento que transporta obstáculos, impedimentos do Evangelho ser exposto e ouvido, colocando mensageiro e ouvinte no mesmo patamar, proporcionando um ambiente mais propício para esclarecimento de supostas dúvidas e questionamentos.

O autor coloca o diálogo como ponte que liga diretamente locutor e ouvinte, atenuando as relações, desobstruindo empecilhos. A salvação apresentada pelo autor, não implica numa libertação sociopolítica, nem atrelada a cura física e mental, compreensão que está tão em voga nos dias atuais; mas o significado de salvação

apresentado pelo escritor mantém-se íntegro à Escritura Sagrada, uma salvação que transcende as mazelas sociais e de um corpo corruptível, uma salvação que vai além do que se vê, que vai além do efêmero, trata-se de uma salvação perene, eterna. No que se refere a conversão, o assunto é tratado com clareza, partindo de uma investigação exegética, conversão é mudar de direção. E como resultado irrefutável de arrependimento e fé, significa uma mudança total de vida, revestimento de novas práticas. Conversão significa atuar na sociedade com novos padrões, novos valores, novos comportamentos e influenciar positivamente o meio o qual está inserido.

O Evangelho de ação, essa é a proposta da literatura em questão, um missão prática, um evangelismo atuante, uma relação olho no olho através do diálogo, uma salvação plena no que tange a eternidade e uma conversão evidenciada num estilo de vida totalmente transformado.

Portanto, a contribuição desta obra literária é de despertar em um contexto de mornidão ou apatia quanto às implicações da missão, do evangelismo, do diálogo, da salvação e da conversão. É de despertar em um contexto meramente pragmático, um contexto aferido por resultados pragmáticos. É de despertar num contexto de abandono exegético e influenciado pela hermenêutica pós-moderna que abre precedentes para livre interpretação. É de despertar num contexto de indiferença com o mundo em volta. É de despertar num contexto de espiritualidade negligenciada.